

CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA E HISTÓRIAS DE VIDA

Celestina Gomes

Resumo

Neste trabalho abordamos a relação entre a memória autobiográfica e as histórias de vida. Temos em conta os resultados dos estudos que colocam em evidência o modelo de interação social na construção da memória autobiográfica e analisamos os reflexos no ato narrativo que está subjacente às histórias de vida. Deste modo pretendemos dar um contributo para a temática da criação do conhecimento na investigação com histórias de vida.

Palavras-chave: memória autobiográfica; histórias de vida; investigação com histórias de vida.

Abstract

In this work, we present the relation between the autobiographic memory and the life histories.

We take into account the results of the studies that give evidence to the model of social interaction in the construction of the autobiographic memory and we analyze the effects in the narrative act that is underlying the life histories. Thus, we want to contribute to the thematic of the creation of knowledge in the research with life histories.

Keywords: autobiographic memory, life histories, research with life histories.

INTRODUÇÃO

Os seres humanos são contadores de histórias (Brunner, 1986; Connely & Clandiny, 1990) e as histórias contadas pelos homens deixam respirar as experiências vividas, os ambientes sociais e culturais que as contextualizam e moldam, bem como as interpretações e reações dos sujeitos. Nesta sequência, as histórias contadas pelos homens acerca da sua vida, para além de documentos pessoais e testemunhos de uma existência singular, podem ser entendidas como janelas através das quais podemos olhar e perceber os mundos que nelas se encerram. Este facto permitiu a descoberta do seu potencial investigativo ocorrido sobretudo a partir do final dos anos sessenta do século XX em países como os Estados Unidos da América, a Alemanha e a França. Becker (1986), colocando-se no domínio da sociologia, usa as histórias de vida como um instrumento metodológico para perceber os efeitos das culturas e das normas sociais. Chanfrault-Duchet (1987), também no domínio da sociologia, valoriza o que designa por *récita de vida* que, ao dar conta da relação entre *praxis individual/coletiva* e a mudança histórico-social, permite analisar o modo como é percebida e teorizada a ligação do indivíduo ao grupo, à comunidade e à sociedade. Ferrarotti (1981), fundamentando-se numa visão marxista segundo a qual o homem não é uma unidade base da sociedade mas o seu produto e a vida do homem o resultado das experiências sociais, defende que os discursos sobre a vida ou sobre momentos da vida de um indivíduo podem, para além do valor que lhes é intrínseco, constituir um meio para investigar algo que, estando para além deles, se reflete neles.

Filiando-se num modelo de investigação de carácter qualitativo a natureza metodológica das histórias de vida não é fácil de estabelecer. Uma revisão de literatura permitiu-nos concluir que entre os autores a sua categorização tem «vagueado» entre aqueles que as consideram uma metodologia (Bertraux, 1980; Bueno, 2002; Finger, 1989; Smith, 1988) e aqueles que as entendem como uma modalidade de investigação (Becker, 1986; Chanfrault-Duchet, 1987; Chase, 2011; Connelly & Clandiny, 1990; Ferrarotti, 1981).

Quer entendida como metodologia de investigação quer entendida como modalidade de investigação as histórias de vida possuem uma natureza própria que as individualiza e que interessa colocar em evidência.

Assim, é próprio de uma investigação deste género ser uma investigação que se sustenta nos indivíduos entendidos como seres únicos e singulares, nas histórias das suas vidas, histórias que se reportam a um conjunto de experiências e vivências armazenadas na sua

memória, memória cujo conteúdo os indivíduos, através de um ato narrativo, representam e trazem até um tempo presente. Podemos concluir que a memória desempenha, numa metodologia com recurso a histórias de vida, um papel central. É na memória, concretamente, na memória autobiográfica que se vai fundamentar o trabalho que apresentamos.

Partindo dos resultados de investigações que mostraram que a memória autobiográfica é uma construção realizada a partir de um processo de interação social, procuramos colocar em evidência a ideia de que a formação de memórias está condicionada por fatores de ordem social e cultural e que este facto se reflete nas histórias de vida, enquanto estas são narrações elaboradas a partir de materiais existentes na memória autobiográfica. A exploração desta linha de análise conduzir-nos-á até ao tema da criação do conhecimento na investigação com histórias de vida. Mais do que um problema de objetividade do conhecimento produzido cremos que há um problema que tem a ver com o limite do conhecimento que é produzido e sobre o qual iremos refletir.

A primeira parte deste trabalho será dedicada à apresentação do conceito de memória autobiográfica. Na segunda parte analisaremos a memória autobiográfica como construção social colocando em evidência a relação desta construção com as histórias de vida. A última parte será dedicada à temática da criação de conhecimento em investigação feita com o recurso a histórias de vida.

1. O EU CONTADOR DE HISTÓRIAS E A MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA

Contar histórias faz parte da natureza humana. O passado cultural da humanidade mostra-nos a diversidade de formas das histórias contadas pelos homens: lendas, histórias épicas, biografias, mitos, filmes, óperas, são alguns exemplos (McAdams, 2008). No contexto em que nos situamos interessa-nos um tipo particular de histórias: as histórias de vida.

As histórias de vida supõem a construção de uma história vital e esta só é conseguida pela presença de duas estruturas: o Eu e a memória autobiográfica. Estas estruturas não devem ser entendidas como estruturas autónomas mas como estruturas ligadas entre si, constituindo-se mutuamente (Brunner, 2003; McAdams, 2003; Neisser & Fivush, 1984).

Por um lado, as memórias surgem organizadas em torno do Eu e, por outro lado, a percepção da continuidade do Eu, a identidade pessoal, depende das memórias que correspondem às experiências vividas.

É quando o ser humano toma consciência de si enquanto ser que existe como ser único, enquanto Eu, que surge a capacidade de contar uma história (Damásio, 1999), a sua história pessoal (Greenwald, 1980) constituída por experiências que viveu, que estão gravadas na sua memória e organizadas em função do Eu constituindo aquilo que se designa por memória autobiográfica.

Conway (1990, 2005), Conway e Pleydell-Pearce (2000), Rubin (1986) e Pillemer (1998), definem a memória autobiográfica como a memória de acontecimentos e factos da própria vida, como memórias relacionadas com o Eu. A memória autobiográfica distinguir-se-á de outras memórias pelo facto de incluir memórias de acontecimentos que têm sentido para o Eu (Fivush & Haden, 2005; Fivush & Nelson, 2006; Pasupathi, Mansour & Brubaker, 2007). Esta ideia é também partilhada por SKowronski e Walken (2004) que consideram que o conceito de memória autobiográfico é usado para fazer referência à memória de acontecimentos relevantes para o Eu.

Nelson (1993) coloca em evidência a especificidade da memória autobiográfica a partir da distinção com outros tipos de memória como a memória de acontecimentos gerais e a memória episódica. Enquanto a memória de acontecimentos gerais se refere a um esquema derivado da experiência sem fornecer detalhes do tempo e do lugar em que o acontecimento ocorreu nem a frequência com que ocorreu, a memória episódica constitui-se como uma memória fenoménica. Para a autora a memória episódica é fenoménica porquanto se refere a algo que ocorreu num tempo e num lugar específicos. A memória autobiográfica surge como uma forma particular de memória episódica que inclui o conjunto de memórias que tem significado para o sistema do Eu e que formam a história de vida de uma pessoa. Assim, acontecimentos como vir para o local de trabalho esta manhã ou o ter falado com um colega de trabalho na semana passada integram a memória episódica, enquanto experiências como a da primeira vez que se lecionou uma aula ou a primeira vez que se viveu uma experiência de ensino com alunos invisuais, fazem parte da memória autobiográfica. Importa salientar que os acontecimentos atrás referidos como exemplos de experiências que integram a memória episódica podem fazer parte da memória autobiográfica desde que estejam associados a um sentido de relevância para o sujeito que os viveu.

A memória autobiográfica liga-se diretamente ao Eu e ao que lhe é significativo e relevante. O Eu surge, por esta razão, como o centro em função do qual as experiências vividas são selecionadas, interpretadas e organizadas atribuindo a esta memória um caráter egocêntrico e funcionando o Eu como o historiador de um drama do qual é, simultaneamente, o autor e o protagonista (Greenwald, 1980) e que constitui, em última instância, a história de vida do indivíduo.

Após esta análise que permitiu perceber a relação direta entre memória autobiográfica e o Eu vamos abordar o tema da sua construção.

2. A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA E AS HISTÓRIAS DO EU

O facto da memória autobiográfica estar dependente não só da emergência do Eu mas também do seu papel de criador da história vital fez com que a sua construção fosse vista como um fenómeno psicológico e, por esta razão, como um fenómeno de algum modo privado (Wang & Brockmeier, 2002). Enquanto tal tratava-se de um fenómeno intrínseco ao indivíduo, determinado por mecanismos também eles intrínsecos como a personalidade e operações neurocognitivas. Investigações mais recentes, realizadas sobretudo a partir das últimas décadas do século passado e já durante este século (Fivush, 2008; Fivush & Nelson, 2004; Hudson, 1990; Nelson, 1993, 1996, 2003; Pillemer & White, 1989; Santamaria, De La Mata & Ruiz, 2012; Wang & Brockmeier, 2002; Wang & Fivush, 2005), vieram colocar em evidência a ideia que a memória autobiográfica é uma construção realizada a partir da interação entre o indivíduo e o meio social envolvente (pais, pares e outros significativos) mas também entre o indivíduo e o meio cultural.

O papel desempenhado pelo meio social e pelo meio cultural na construção da memória autobiográfica pode ser analisado a vários níveis.

Começamos por destacar o meio social que envolve o indivíduo, concretamente, a família. Estudos revelam que o papel dos pais é determinante na construção da memória autobiográfica e desenvolve-se em vários patamares.

Um primeiro patamar tem a ver com os estilos de narração, com os modos como os pais falam com os filhos acerca do passado. Investigadores (Fivush & Fromhoff, 1988; Fivush, Haden & Adam, 1995; Harley & Reese, 1999; Leichtman, Pillemer, Wang, Koreishi & Han, 2000; Tessler & Nelson, 1994) detetaram a existência de dois estilos de narração nas conversas entre pais e filhos envolvendo experiências vividas num tempo

passado: um estilo que denominaram de «mais elaborativo» e um estilo que denominaram de «menos elaborativo».

O estilo «mais elaborativo» caracteriza-se pelo facto dos pais, quando falam com os filhos sobre o passado, desenvolverem um diálogo onde colocam questões que têm como objetivo obter a maior quantidade possível de informações acerca dos acontecimentos. É ainda um diálogo onde os pais procuram saber a avaliação que os seus filhos fazem das experiências vividas bem como ter conhecimento das emoções sentidas. Por outro lado, há neste diálogo uma intenção dos pais em obterem feedback às questões colocadas o que dá lugar a comentários que, por sua vez, dão lugar a mais questões das quais resultam mais informações. Como consequência as crianças que tiveram pais que apresentaram um estilo mais elaborativo tendem a desenvolver as suas capacidades narrativas autobiográficas (Fivush, 2008).

O estilo «menos elaborativo» é caracterizado por ser um estilo mais pragmático. Quando os pais falam com as suas crianças a respeito do passado assumem um papel semelhante ao de chefes, colocando questões às quais as crianças respondem, não havendo lugar a comentários. Mais do que uma conversação o diálogo que se estabelece assemelha-se a um teste de memória (Wang & Fivush, 2005). As crianças de pais que desenvolveram um estilo «menos elaborativo» são crianças que não manifestam capacidades narrativas complexas. Para além de serem determinantes no desenvolvimento das capacidades narrativas estes dois modos de falar sobre o passado condicionam a memória autobiográfica. Como referem Fivush e Nelson (2004) um estilo de narração mais elaborativo conduz a uma memória vocacionada para os detalhes e também uma memória mais organizada.

Para além de participarem na construção da memória autobiográfica através do estilo de narração, as conversações entre pais e filhos a respeito das experiências do passado influenciam a formação da memória autobiográfica nos seus conteúdos. A este respeito Wang e Fivush (2005) salientam a existência de diferenças nas temáticas que variam de acordo com os géneros. Assim, quando falam com as suas filhas os pais tendem a inserir os acontecimentos num contexto interpessoal e mais carregado de emoções por sua vez, quando conversam com os filhos, os pais dão grande ênfase ao papel autónomo desempenhado pela criança. Deste modo podemos inferir da existência de diferenças entre a memória autobiográfica de uma criança do sexo masculino e de uma criança do sexo feminino. Se no caso daqueles as memórias tenderão a ser organizadas privilegiando um Eu autónomo, no caso das crianças do sexo feminino a sua memória

autobiográfica está organizada em função de um Eu inter-relacional, um Eu que se constitui na inter-relação com o outro e nesta sequência as memórias que integram a sua memória autobiográfica são memórias nas quais as relações com os outros são valorizadas, para além de serem memórias envolvidas de mais carga emotiva como resultado das conversações com os pais terem dado ênfase a esta dimensão.

Estudos (Wang & Brockmeier,2002; Wang & Fivush,2005) vieram mostrar que os conteúdos das conversações entre pais e filhos em torno de experiências do passado, ao permitirem a construção de uma imagem do Eu revelam-se também determinantes na construção da memória autobiográfica.

Já foi oportunamente referida por nós a existência de uma relação entre o Eu e a memória autobiográfica. Os trabalhos de Wang e Brockmeier (2002) e de Wang e Fivush (2005) sustentados em estudos transculturais vieram mostrar que nas conversações entre pais a respeito do passado há uma imagem do Eu que lhes está subjacente e que varia conforme a cultura de pertença. Assim, enquanto nas culturas ocidentais, como por exemplo a cultura americana, surge valorizada a imagem de um Eu autónomo e independente, nas culturas orientais, como por exemplo a cultura chinesa, é valorizada uma imagem do Eu interdependente e relacional. Deste modo quando evocam o passado junto dos filhos a orientação dada pelos progenitores é diferente e isso reflete-se na construção da memória autobiográfica. Enquanto nas culturas ocidentais o Eu desempenha um papel central, são as suas emoções que ficam registadas é a sua visão que é traduzida, nas culturas orientais a visão do Eu surge dispersa na relação com o outro. Por elucidativos, transcrevemos dois exemplos apresentados em Wang e Brockmeier (2002), um referente a uma aluna na Universidade de Harvard a quem foi pedido para relatar uma memória de infância e outro referente a uma aluna chinesa da Universidade de Pequim a quem foi feito o mesmo pedido.

Começamos por transcrever parte do extrato que dá conta do relato da memória de infância da aluna de Harvard:

“I have a memory of being at my great aunt and uncle’s house. It was some kind of a party; I remember I was wearing my purple-flowered party dress. There was a sort of a crib on the floor [...]. I don’t know if it was meant for me or for one of my younger cousins, but I crawled into it and lay there on my back. My feet stuck out, but I fit Pretty Well. I was trying to get the attention of people passing by. I was having fun and feeling slightly

mischievous. When I picture the memory, I am lying down in the crib, looking at my party-shoed feet sticking out of the end of the crib. (Memory dated at 3 years 6 months)” (Wang & Brockmeier, 2002: 49).

Segue-se a transcrição da resposta à mesma questão dada pela aluna chinesa que escreveu:

“I was 5 years old. Dad taught me ancient poems. It was always when he was washing vegetables that he explained a poem to me. It was very moving. I will never forget the poems such as ‘Pi-Ba-Xing’, one of the poems I learned then.” (Wang & Brockmeier, 2002: 49).

Para além das diferentes imagens do Eu que estão subjacentes a estes dois relatos de memórias autobiográficas os exemplos acabados de apresentar revelam-nos diferentes narrativas. Enquanto nas culturas ocidentais encontramos narrativas elaboradas onde o indivíduo surge como o centro, nas culturas da Ásia Ocidental, nomeadamente na chinesa, encontramos a narração de uma história em que a vida é vivida na relação com o outro e onde o outro desempenha um papel importante. Nesta última referência que acabámos de fazer é possível perceber que o meio social que envolve a criança faz parte de um contexto mais amplo que é a cultura, que é também um fator importante a ter em conta na construção da memória autobiográfica. Antes de passarmos à exploração deste aspeto importa referir o papel que cabe à escolarização na formação de memória.

Os trabalhos realizados por Santamaria, De La Mata e Ruiz (2012) têm explorado o papel que a escolarização formal desempenha a nível da memória autobiográfica. Num estudo prático que realizaram junto de mulheres e homens mexicanos de diferentes graus de experiência escolar formal, nível de alfabetização, nível básico e nível universitário, procuraram explorar as características das recordações autobiográficas de cada um de modo a perceber se havia relação entre o nível de escolarização e a memória autobiográfica. Os resultados que obtiveram parecem apontar para a ideia de que a escolarização influencia a construção da memória autobiográfica sendo, por esta razão, um outro fator a ter em conta para além dos já abordados. Importa referir que este é um domínio que se encontra ainda em início de exploração não havendo muita

informação acerca do papel da escolarização na construção da memória autobiográfica.

Retomando a linha que estávamos a desenvolver vamos analisar a interferência da cultura na construção da memória autobiográfica. Exploraremos aqui a interferência que ocorre por via da concepção do Eu que se encontra subjacente à cultura.

Triandis (1989) e de Markus e Kitayama (1991) analisam a influência do contexto cultural na concepção do Eu.

Triandis (1989) parte da existência de três Eus, o «Eu privado», o «Eu público» e o «Eu coletivo» que relaciona com dois tipos de cultura, as culturas do individualismo e as culturas do coletivismo. As culturas do individualismo são culturas nas quais se valoriza a independência e a autorrealização, o «Eu privado». As crianças são encorajadas a serem elas próprias. Nas culturas onde predomina o coletivismo, como acontece nas culturas da Ásia Ocidental, o coletivo e os grupos de referência são valorizados e, por esta razão, o «Eu público» bem como o «Eu coletivo» dominam o «Eu privado». São culturas onde as famílias dão importância àquilo que as outras pessoas pensam acerca de alguém e dão importância ao facto de se ser membro de um grupo, seja de uma família seja de uma religião.

Markus e Kitayama (1991) abordam a mesma temática utilizando os conceitos de culturas interdependentes e de culturas dependentes. As culturas ocidentais surgem como culturas que os autores caracterizam como independentes e que têm subjacente uma concepção do Eu como um ser autónomo capaz de controlar as suas emoções. Por sua vez as culturas orientais são culturas que os autores apresentam como interdependentes, o Eu surge como fazendo parte de um grupo social regulando as suas ações e emoções na relação com os outros.

As culturas influenciam a forma do Eu (Fivush, 2008). Enquanto as culturas ocidentais definem o Eu como um agente autónomo que controla o seu próprio destino, as culturas orientais definem o eu como um agente na relação com a família e a comunidade. As formas do Eu funcionam como filtros para as recordações pessoais (Fivush & Nelson, 2004; Santamaria, De La Mata, & Ruiz, 2012) ao definir o modo como os acontecimentos da vida são interpretados e avaliados, condicionando, por isso, a construção da memória autobiográfica.

Como a história de vida de um sujeito é construída a partir de um conjunto de memórias significativas que integram a sua memória autobiográfica e sendo esta

uma construção social, pode considerar-se que a história de vida é moldada pelo processo de construção social subjacente à memória autobiográfica (Pasupathi, 2001; Pillemer, 2001) que determina aspetos como as características narrativas e o seu conteúdo.

Sabemos, pelo que ficou dito anteriormente, que as histórias de vida contadas pelos homens tenderão a ser menos elaboradas do que a das mulheres, menos ricas em emoções mas, mais pragmáticas. Sabemos também que podemos encontrar histórias mais estruturadas em torno de uma imagem do Eu que se apresenta como um ser autónomo, autossuficiente, dono das suas emoções mas, também podemos encontrar histórias estruturadas em torno de uma conceção do Eu que valoriza a relação com o outro.

A ideia que procurámos colocar em evidência foi a de que a memória autobiográfica é uma construção social e que esta construção se reflete nas histórias de vida. O Eu que constrói e conta as histórias e as histórias que são contadas surgem inseridas num contexto social e cultural que começando por influenciar a construção da memória, por via desta, molda a história que vai ser contada.

3. DA CRIAÇÃO DO CONHECIMENTO

Para aquele que realiza investigação com recurso a histórias de vida, e tal como referimos no início, a ideia que nos propusemos desenvolver e que acabámos de apresentar coloca um problema:

Se as histórias de vida são moldadas pela memória autobiográfica e se esta é uma construção social, então é legítimo questionarmo-nos acerca do que efetivamente se conhece quando se faz investigação usando de histórias de vida.

Uma ideia desde já nos parece clara. A história de vida que um sujeito materializa através de um ato narrativo está condicionada pelo contexto social e cultural que condicionou a construção da sua memória autobiográfica. Assim, a história que chega até nós é a história de vida de um sujeito vista através das lentes de um conjunto de relações sociais que ocorreram de uma determinada maneira e não de outra, e pelas lentes de uma cultura.

Se, por um lado, esta constatação parece esbater a questão da subjetividade que acompanha a criação do conhecimento em investigação qualitativa, por outro lado

levanta uma outra questão que é a de saber até que ponto os materiais de investigação que estão a ser utilizados- histórias de vida- são de facto aquilo que deles se espera, a saber, histórias de vida, relatos pessoais? O que é que na narrativa produzida é pessoal e o que é que é resultado de uma construção social? Poderá, no contexto de uma investigação com o recurso a histórias de vida separar-se o pessoal do social? Separar o pessoal do cultural? E se tal separação não se vier a revelar possível que valor atribuir ao conhecimento assim obtido?

Na obra *Crítica da Razão Pura*, publicada pela primeira vez em 1781 analisando as possibilidades da razão enquanto faculdade de conhecer Kant chega à conclusão que o poder daquela é limitado. Na realidade a razão não pode conhecer toda a realidade mas apenas uma parte da realidade. Tal acontece porque para haver conhecimento são necessárias duas condições: estruturas subjetivas, como as noções de espaço e de tempo e os conceitos como por exemplo o de causalidade, mas também são necessas impressões sensíveis provenientes do mundo exterior. Sem aqueles estas serão cegas, sem estas aqueles serão ocos. É da união das estruturas subjetivas e das impressões sensíveis que resulta o conhecimento.

Contudo, esta ideia leva a uma outra que é a de que não se pode conhecer as coisas como elas são em si mesmas. O sujeito só conhece a realidade como ela é para si, isto é, através das suas estruturas subjetivas. Sem elas o conhecimento não é possível. Kant distingue por esta razão entre a realidade conhecida, o fenómeno, e a realidade que não pode ser conhecida, o númeno. O númeno é o incognoscível e simboliza o carácter limitado da capacidade de conhecer do homem.

Os conceitos kantianos de fenómeno e númeno parecem-nos adequados à criação do conhecimento em investigação com o recurso a histórias de vida, tomando como referência a ideia desenvolvida. As histórias de vida permitem-nos elaborar um conhecimento do fenómeno. O númeno, aquilo que existe independentemente do filtro da memória autobiográfica é incognoscível. O que se obtém é, pois, um conhecimento limitado mas, nem por isso um conhecimento sem valor.

REFERÊNCIAS

Becker, S. H. (1986). Biographie et mosaïque scientifique. In Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 62-63, juin, 105-110.

- Bertraux, D. (1980). L'approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités, *Cahiers Internationaux de sociologie*, 59, 197-225.
- Bruner, J. S. (1986). *Actual minds, possible worlds*. Cambridge, M.A.: Harvard University Press.
- Bruner, J. S. (2003). Self-making narratives. In R. Fivush & C.A.Haden (Eds.), *Autobiographical memory and the construction of a narrative self. Developmental and cultural perspectives* (pp.209-225).Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bueno, B. O. (2002).The biographical method and the teacher's life histories studies: the issue of subjectivity. *Educação e Pesquisa, São Paulo*, 28 (1), 11-30.
- Chanfrault-Duchet, M. F. (1987) Le récit de vie: donné ou texte?. *Cahiers de recherche sociologique*, 5 (2), 11-28.
- Chase, S. E. (2011). Narrative Inquiry. Still a field in the making. In Normam K. Denzin, & Yvonna S. Lincoln. *The Sage Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Conway, M.A. (1990). *Autobiographical memory: An introduction*. Buckingham: Open University Press.
- Conway, M.A. (2005). Memory and the self. *Journal of Memory and Language*, 53, 594-628.
- Conway, M.A. & Pleydell-Pearce, C.W. (2000). The construction of autobiographical memory in the self-memory system. *Psychological Review*, 107,261-288.
- Connelly, M. F., & Clandini, D. J. (1990). Stories of Experience and Narrative Inquiry. *Educational Researcher*, 19 (5), 2-14.
- Damásio, A. (2000). *O Sentimento de Si. O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência* (9ª ed.). Lisboa: Publicações Europa-América.
- Ferrarotti, F. (1981). On the Autonomy of the Biographical Method. In Daniel Bertraux (Ed.). *Biography and Society. The Life History approach in the social sciences*. Londres e Beverly Hills: Sage.

- Finger, M. (1989). L'approche biographic face aux sciences sociaux: le problème du sujet dans la recherche sociale. *Revue européenne des sciences sociales*, 27 (83), 217-246.
- Fivush, R. (2008). Remembering and reminiscing: How individual lives are constructed in family narratives. *Memory Studies*, 1(1), 49-58.
- Fivush, R. & Fromhoff, F. A. (1988). Style and Structure in mother-child conversations about the past. *Discourse Processes*, 11, 337-355.
- Fivush, R., Haden, C. & Adam, S. (1995). Structure and coherence of preschoolers' personal narratives over time: implications for childhood amnesia. *Journal of Experimental Child Psychology*, 60, 32-56.
- Fivush, R., & Haden, C.A. (2005). Parent-Child Reminiscing and the Construction of a Subjective Self. In B.D. Homer & C.S. Tamis-LeMonda (eds.) *The Development of Social Cognition and Communication* (pp.315-335). Mahwah, N.J.: Erlbaum.
- Fivush, R. & Nelson, K. (2004). Culture and Language in the Emergence of Autobiographical Memory. *Psychological Science*, Vo.15, No.9, 573-577.
- Fivush, R. & Nelson, K. (2006). Parent-Child Reminiscing Locates the Self in the Past. *British Journal of Developmental Psychology*, 24, 235-251.
- Greenwald, A. G. (1980). The Totalitarian Ego. Fabrication and Revision of Personal History. *American Psychologist*, Vol.35, N.7, 603-618.
- Harley, K. & Reese, E. (1999). Origins of autobiographical memory. *Development Psychology*, 35(5), 1338-1348.
- Hudson, J. A. (1990). The emergence of Autobiographic Memory in Mother- Child Conversation. In R. Fivush, & J.A. Hudson (eds.) *Knowing and Remembering in Young Children*, pp. 166-196. New York: Cambridge University Press.
- Kant, I. (1985). *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Leichtman, M. D., Pillemer, D. B., Wang, Q., Koreishi, A. & Han, J. J. (2000). When Baby Maisy came to school: Mothers' interview styles and preschoolers' event memories. *Cognitive Development*, 15, 1-16.
- Markus, H. R., & Kitayama, S. (1991). Culture and the Self: Implications for cognition, Emotion, and Motivation. *Psychological Review*, Vol.98, No.2, 224 -253.

- McAdams, D.P. (2003). Identity and the life story. In R. Fivush & C.A.Haden (Eds.), *Autobiographical memory and the construction of a narrative self. Developmental and cultural perspectives* (pp.187-207).Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- McAdams, D.P. (2008). Personal Narratives and Life Story. In John, Robins & Pervin (Eds.), *Handbook of Personality: Theory and Research* (pp 242-262). New York: Guilford Press.
- Neisser, U., & Fivush, R. (Eds.) (1994). *The remembering self: Construction and accuracy in the self-narrative*. N.Y. : Cambridge University Press.
- Nelson, K. (1993). The Psychological and social origins of autobiographical memory. *Psychological Science*, Vol.4, No.1, 7-14.
- Nelson, K. (1996). *Language in cognitive development: The emergence of the mediated mind*. N.Y.: Cambridge University Press.
- Nelson, K. (2003). Self and social functions: Individual autobiographical memory and collective narrative. *Memory*, 11, 125-136.
- Pasupathi, M. (2001). The Social Construction of the Personal Past and its Implications for Adult Development. *Psychological Review*, Vol.127, No.5, 651-672.
- Pasupathi, M., Mansour, E., & Brubaker, J.R. (2007). Developing a Life Story: Constructing Relations between Self and Experiences in Autobiographical Narratives. *Human Development*, 50, 85-110.
- Pillemer, D. (1998). *Momentous Events, Vivid Memories*. Cambridge, M.A.: Harvard University Press.
- Pillemer, D. & White, S.H. (1989). Childhood events recalled by children and adults. In H.W. Reese (Ed.), *Advances in child development and behavior*, Vol.22 (pp.227-340). New York: Academic Press.
- Rubin, D.C. (Ed.) (1986). *Autobiographical memory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SKowronski, J. J. & Walker, W.R. (2004). How describing autobiographical events affect autobiographical memories. *Social Cognition*, Vol.22, No.5, pp.555-590.

- Smith, L. M. (1988). Biographical Method. In Normam K. Denzin, & Yvonna S. Lincoln. (Eds.). *Strategies of Qualitative Inquiry*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Santamaria, A. De La Mata, M. & Ruiz, L. (2012). Escolarización formal, memoria autobiográfica y concepciones culturales del yo. *Infancia y Aprendizaje*, 2012, 35 (1), 73-86.
- Tessler, M. & Nelson, K. (1994). Making memories: The influence of joint encoding on later recall by young children. *Consciousness and Cognition*, 3,307-326.
- Triandis, H. C. (1989). The Self and the Social Behavior in Differing Cultural Contexts. *Psychological Review*, Vol.96, No. 3,506-520.
- Wang, Q., & Brockmeier, J. (2002). Autobiographical Remembering as Cultural Practice: Understanding the Interplay between Memory, Self and Culture. *Culture & Psychology*. Vol.8, (1) 45-64.
- Wang, Q., & Fivush, R. (2005).Mother-Child Conversations of Emotionally Salient Events: Exploring the Functions of Emotional Reminiscing in European – American and Chinese Families. *Social Development*, 14, 3,473- 495.